

O ESTATUTO DA LINGUAGEM VISUAL E A RELEVÂNCIA DA VISÃO PARA A APRENDIZAGEM DO SURDO NA ESCOLA PÚBLICA

THE STATUTE OF VISUAL LANGUAGE AND VISION OF RELEVANCE FOR DEAF LEARNING IN PUBLIC SCHOOL

¹ SOUZA, A. L. R.; ² VALVERDE D. L. A.; ³ VITORETI, T. F.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista - UNIP, Especialista em Libras pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba - FALC ; ² Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM – Professor na FEMA e nas FIO; ³ Fundação Educacional do Município de Assis - FEMA – Professor na FEMA

RESUMO

No ambiente escolar onde ensina-se o surdo predominantemente pela linguagem visual, sua execução compreende teorias que suportem a leitura de imagens e ambientes permeados pela ordem e argumento visual. Neste elo, o aluno surdo tem na visualidade a maior parcela do que lhe vem enquanto ensino e prática pedagógica. Tendo isto bem estabelecido na mente do aprendiz surdo, este promoverá uma alavancagem deste sentido, compilar material didático destinado ao surdo seria um pensamento de difícil concretização dada a nossa realidade brasileira na educação inclusiva. Presume-se que o surdo deva ver como requisito do entender, e neste processo buscar métodos advindos da linguagem visual e seu suporte teórico baseado no exame de linguagens e signos. Uma pesquisa voltada ao surdo, e de como uma linguagem pode ser útil se bem construída e observada pelo docente/interprete, o problema surge quando o surdo é ensinado por meio de um material para sua condição, e se depara com a condição do mundo e da imagem nele, para toda a sociedade se orientar, os resultados apontam para a potencialização do entendimento visual, relativizado a deficiência auditiva e uma melhor compreensão para o aluno com surdez entender o mundo.

Palavras-chave: Visualidade. Língua. Linguagem.

ABSTRACT

In the school environment which teaches the deaf predominantly by visual language, its execution comprises theories that support the reading of images and environments permeated by order and visual argument. In this link, the deaf student has the visuality the largest share of that it comes as a teaching and pedagogical practice. With this well established in the mind of the deaf learner, this will promote a leverage this sense, compile teaching materials for the deaf would be a thought difficult to achieve given our Brazilian reality in inclusive education. It is assumed that the deaf should see as a requirement of understanding, and in the process seek methods arising from the visual language and its theoretical support based on the examination of language and signs. A research aimed to the deaf, and as a language can be useful if well-constructed and observed by the teacher / interpreter,, the problem arises when the deaf are taught by a material for their condition, and is faced with the condition of the world and the picture on it, for the whole society to orient, the results point to the enhancement of visual understanding, relativized deafness and a better understanding for the student with hearing loss understand the world.

Keywords: Visuality, idiom, Language.

INTRODUÇÃO

Em si, o trabalho tem a pretensão de elevar a pesquisa em torno da comunicação visual e seus desdobramentos aplicados ao ensino em Libras conferindo uma via de enriquecimento sobre a reflexão da “didática visual” estabelecendo este sentido humano como o maior recusado pelo surdo, que aprende na educação

escolar, e no mundo os ensinamentos advém desta modalidade de linguagem, e a pretensa intuição do trabalho enriquecer o estudo da visualidade em língua de sinais.

Tendo isto em vistas, os professores e interpretes incessantemente buscam melhores práticas educativas para alavancar o aprendizado do surdo na rede regular de ensino, embora a atenção do interprete seja com um ou mais discentes, o interprete e o professor titular da disciplina tentam preencher lacunas que a escola não está preparada para solucionar. Nesta tentativa surge o argumento da visualidade, uma linguagem emergente ainda mais nos dias atuais, onde na hipermídia pode-se confluír e mesclar materiais que fora o ambiente escolar servem de material de apoio ao aluno com surdez.

A carga educacional recebida pelo surdo no ambiente escolar é por vezes refletida pelos docentes e interpretes em função de aprimorar relações e ampliar as discussões que advém destas reuniões entre educadores. No entanto, tanto o professor surdo, quanto o regular a maioria na escola, os rumos tomados remetem sempre em confeccionar material didático, ou adequar o material pedagógico para deficientes que proveem do governo.

A base do trabalho sustenta que na linguagem visual o surdo encontra a verbal e outros tipos de linguagem, em momento algum confundindo-a com a língua, pois neste íterim a língua do surdo é Libras, a partir daí o entendimento de signos visuais seria hipoteticamente mais efetivo para o surdo já que na imagem une-se diversos textos, a acuidade está em ler imagens com propostas e métodos teóricos já instituídos e praticados por um corpus de pesquisadores que se atentam a imagem.

Teoricamente o processo de análise nunca se exaure e, por conseguinte, nunca está completo. Isto é, é sempre possível descobrir uma nova maneira de ler uma imagem, ou um novo léxico, ou sistema referente, para aplicar à imagem. Para fins práticos, contudo, o analista irá normalmente querer declarar a análise terminada em certa altura (PENN, p 331-332, 2011).

Analisar imagens prediz que modalidades de leitura sejam trazidas para a discussão e explicitadas para envolver e ordenar a leitura de imagens, reducionismos a parte, as imagens contem signos não tão inofensivos quanto parece, aliás, os signos da imagem revelam o que o texto escrito obscurece por vezes. No intuito de aprimorar esta habilidade de leitura visual não apenas baseada no que está escrito, o surgimento de teorias ligadas a comunicação e a outros campos de estudo tais como o design,

artes visuais e artes plásticas, tem resolvido compor seus elementos através de imagens potencializando a visualidade.

No entendimento de Quadros (2007), enfatiza: “Quero esclarecer que isto não é um gesto ou mímica, e sim signo. É a imagem em Língua de Sinais, onde vocês podem transportar qualquer imagem ou signos em desenhos ou figuras em Língua de Sinais, como acabei de mostrá-los” (QUADROS, 2007, p 106).

No que diz respeito ao texto, este pode chegar através de qualquer linguagem. Uma tessitura de informações normalmente pode ser percebida em uma novela, no teatro, na TV e na publicidade, além de outras formas de comunicação, todavia a conexão estabelecida aqui remonta ao ensino por imagens e através delas. Não há problemas em definir o que é um texto de forma genérica e ao mesmo tempo aprofundada na questão e leitura, além das noções de texto.

Sem dúvida alguma, a palavra texto é familiar a qualquer pessoa ligada à prática escolar. Ela aparece com alta frequência no linguajar cotidiano tanto no interior da escola quanto fora de seus limites. Não são estranhas a ninguém expressões como as que seguem: “redija um texto”, “texto bem elaborado”, “o texto constitucional não está suficientemente claro”, “os atores da peça são bons mas o texto é ruim”, “o redator produziu um bom texto”, etc (FIORIN, 1997, p.11).

As noções de texto podem variar se não for dada à devida atenção ao suporte de linguagem que o carrega. Por isso, a leitura visual deve auxiliar o surdo a compor um melhor repertório intelectual por meio da linguagem que está ao despojo de quem se habilita à estudá-la, esta premissa que o texto visual serve de base e apoio a escrita é ponderável. No entanto, unir grafia escrita e imagem em um texto precede uma hierarquia no tocante ao construto da diagramação para o ensino do surdo.

Elaborar um material seguindo as orientações da construção visual para surdos requer um exame semiótico de desconstrução dos signos impostos pela imagem e pelo texto escrito, a imagem parada, as imagens em movimento podem apontar um único suporte ou mais de um. Por exemplo, a fotografia é imagem parada quando os elementos capturados pela lente estão estáticos, todavia uma fotografia de um homem com um pé no chão e outro no ar, é uma imagem em movimento, não pelo caráter da fotografia ser parada e estática, esta é sua natureza. O vídeo possui movimento na apresentação, contudo pode se valer de fotografias paradas ou mesmo filmagens que intentam um no outro.

Pelo exposto, trabalhar imagens em função de ensinar a um deficiente auditivo, elimina a possibilidade do casamento entre imagem e som. O som, ou matriz sonora neste embate não chega ao surdo senão pela visualidade ou pela vibração das notas musicais.

A fotografia e outros meios que recursam a imagem compõem um grande leque de plataformas imagéticas no cotidiano e na vivência do ser humano, a fotografia é uma grande ferramenta para o ensino do surdo. [...] representa o congelamento do gesto e da paisagem, portanto a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: da memória do indivíduo da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza (KOSSOY, 2001, p. 155).

Imagine-se escrever o que se vê em uma fotografia, por exemplo, seria um texto extenso e plurívoco. Já na escrita a possibilidade de não atribuir signos distantes da palavra que é guardiã da verdade e exprime o que o texto escrito pode atribuir, um recorte, já na imagem sua leitura pode pelo simples traço ou cor, intentar outros signos correlatos ao tempo e a exposição.

Mas e o surdo? Nesta via, o deficiente auditivo deve olhar e perceber um universo que cerca sua apreensão de paisagem e corresponde em atitudes ou atos que o coloquem em função de organizar seu arredor. Nas práticas escolares a ambiência do professor e do interprete são universos visuais que o aluno surdo precisa estar conectado, e os educadores em função do mesmo entendimento, o ensino, portanto, deve se ater ao fato que a leitura labial é visual, a escrita é visual e a imagem se situa no império destas alegações.

Ademais enquanto espírito idealista, compilar um dicionário que contemple as visualidades seria oportuno, todavia geraria questionamentos no próprio surdo, pois a imagem afirma e nega, é temporalizada, um pedaço congelado de um tempo que não se repetirá identicamente, mas o ensino não se baseia apenas em fotogramas ou fotografias, se baseia na comunicação visual voltada para o aprendizado e a construção do conhecimento no surdo escolar.

Este recurso visual é o mais importante para o regular e para o surdo, todavia o surdo substitui o que não pode ouvir pelo que pode ver, e esta manobra requer um elevado grau de entendimento de linguagens, portanto estabelecer o que é linguagem ao surdo, e quais ele pode assimilar conteúdo de forma mais ampla e eficaz.

Os estudos em sala de aula e fora dela para o surdo requer uma disciplina voltada ao entendimento de signos visuais e sua ordem nas composições, ainda mais

quando trata-se do surdo, o processo é mais lento, e a abordagem deve direcionar entendimentos que deleguem ao mesmo, a condição de dominador de imagens as que a escola deveria construir para ensiná-lo e as imagens que toda sociedade tem ao despor no mundo, isso não garante que os alunos regulares saberão entender a comunicação visual como o surdo, a premissa é a de que este precisa potencializar sua leitura de imagens e não depender somente da grafia escrita.

Uma tentativa arriscada. A leitura da escrita não se resume enquanto dificultosa, ela apenas é um carregador fiel dos dicionários e asseguram a verdade que a palavra carrega consigo. O que motiva a pesquisa é aprimorar o entendimento de mundo e do conteúdo das disciplinas voltarem-se a mescla da visualidade e da escrita, para isto é necessário dissecá-las.

Os rumos que seguirão adiante no trabalho, serão inclinados a desenvolver e sustentar o poder da visualidade se bem explorada e entendida as luzes de teorias que tratam do conteúdo imagético em aspectos iconográficos e iconológicos que são características peculiares das imagens, sendo que iconografia é o que está visível, e iconologia é o que está fora da imagem, mas ligada à ela pelos signos que levam à uma nova intelecção.

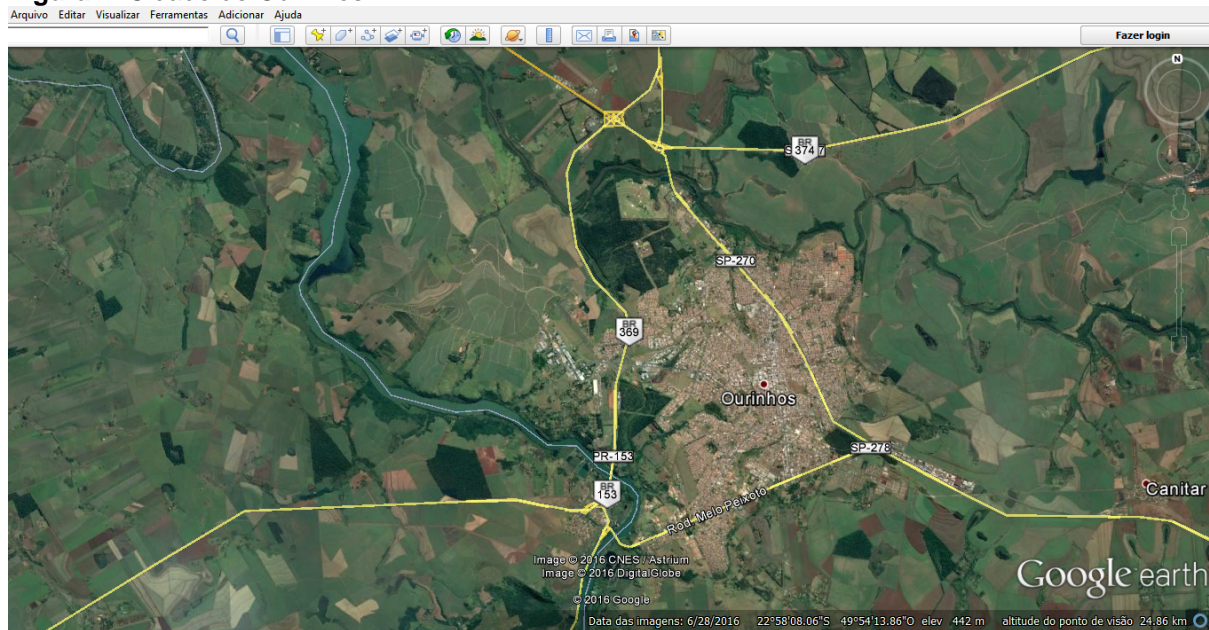
Para ilustrar uma infinita e vasta gama de possibilidades veja-se um exemplo que finaliza a hipotética sustentada no trabalho em total relação com a proposta de aqui foi almejada. Um trabalho que versa sobre imagens e seu poder diante da educação, seria uma heresia não ilustrar a validade da ideia com uma imagem que serve como norteadora para o ensino da geografia.

O recurso utilizado foi o congelamento de imagens, no programa *Google Earth*, de onde é possível verificar que o programa deveria ser inserido em sala de aula para o estudo da geografia, pois descreve ambientes fidedignamente.

Vide as imagens selecionadas, e passe o olhar sobre a região e suas características e possíveis aplicações, para se ensinar: geografia, economia, e logística por exemplo. Na escola, aplica-se pontualmente na geografia, na matemática, ciências naturais, enfim, seria uma tentativa ousada elencar todos os campos em que poderia ser utilizado este programa em vistas ao ensino, pontualmente, aqui, a inclusão escolar e potencialização do ensino.

Vale ressaltar que neste ambiente onde constrói conhecimento via imagem se faz necessário o exame profundo do olhar que capta uma apreensão de paisagem, e nela compreende signos e os traduz ao leitor do texto visual.

Figura 1. Cidade de Ourinhos.



Fonte: <https://www.google.com/earth/> - acesso em 09/08/2016.

Optou-se por não inserir legendas de análise semiótica do conteúdo apreendido pela imagem. Todavia, o leitor passa o olhar pela imagem e nela pode aferir intelecções para se orientar no espaço e no tempo em que habita e vive.

Figura 2. Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO



Fonte: <https://www.google.com/earth/> - acesso em 09/08/2016.

MATERIAL E MÉTODOS

Para o pleno desenvolvimento deste trabalho foram consultados arquivos de jornais e revistas científicas, encontrados nas bibliotecas da FEMA-Fundação Educacional do Município de Assis, da Biblioteca da UNESP de Assis, dos arquivos do CEDAP-Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa, da UNESP de Assis.

Das bibliotecas central, e setorial de ciências humanas, ambas localizadas na Universidade Estadual de Londrina, UEL. Do apoio advindo da biblioteca virtual na área do aluno da Faculdade da Aldeia de Carapicuíba, FALC. Após a coleta, os dados foram fichados e catalogados, analisados e interpretados às luzes das teorias pertinentes, precisamente sob o pilar de uma área ampla como as ciências humanas, colocada no contexto das ciências sociais aplicadas para o confronto dos dados e os subsídios teóricos necessários para compreensão da investigação científica do trabalho e suas relações teóricas.

Pretendeu-se também pesquisar a partir de fontes eletrônicas disponíveis na Internet, como forma de complementar os materiais coletados, permitindo o confronto entre dados tradicionais e eletrônicos, cedendo maior recursividade ao trabalho e a proposta, que vai de um exame de teorias e autores que sustentam esta inteligência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste embate, coloca-se neste ponto o poder significativo da imagem em nossa temporalidade inclusive para o ensino de libras na escola independente do grau escolar em decurso no estágio de ciclo de vida do discente, faz com que políticas que são discutidas possam tramitar em favor da comunidade surda enquanto ferramenta pedagógica.

O apoio do MEC ao processo de formação de instrutores de Libras e de professores para atuar na educação escolar dos surdos garante o respeito à diferença, à diversidade sociocultural. Essa ação é representativa do compromisso do Governo Federal com a educação para todos e com a inclusão social das pessoas com necessidades educacionais especiais (FELIPE, 2007 p 7).

A visualidade tem em si uma característica peculiar como na maioria das matrizes de linguagem e de pensamento. Ela toma para si uma estrutura de leitura. Não linear tendo como hospedeiros os campos da fotografia, vídeo, cinema, mídia impressa, animações gráficas, e todos os outros suportes que possam ser coligados ao ensino de surdos na esteira de língua de sinais. A leitura de um quadro, este não atendo-se a um quadro tradicional com moldura na parede, mas sim a um enquadro do olhar e do signo e da hierarquia visual dos elementos enquadrados na apreensão da paisagem.

Assim, as imagens que contenham um reconhecido valor documentário são importantes para os estudos específicos nas áreas de arquitetura, antropologia, etnologia, arqueologia, história social e demais ramos do saber, pois representam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual e do seu entorno sociocultural (KOSSOY, 2001, p 55).

Pensa-se que uma linguagem poderia ser a solução se bem estruturada, e bem elaborada, detendo adjuntamente com a escrita, mas não como reforço um do outro, e sim enquanto diagramação par estímulo e aumento do repertorio do surdo, valendo enquanto composição que trabalha elementos escritos e visuais, só visuais, ou só escritos, repare-se que todos encostam na visualidade enquanto sentido humano, isso ilustra o quanto o surdo necessita de se trabalhar um material para ele que sirva para o mundo geral.

Nunca ouvi nenhum som sequer: as ondas no mar, o vento, o canto dos pássaros e por aí vai. Para mim, entretanto, esses sons nunca foram essenciais para a compreensão do mundo, já que cada um deles sempre foi

substituído por uma imagem visual, que me transmitia exatamente as mesmas emoções que qualquer pessoa que ouve sente, ou talvez ainda com mais força, quem sabe? (QUADROS, 2007, p 100).

Os direitos existem e são assegurados o que é difícil crer é num empenho pouco esforçado para praticar formas de linguagem e novas possibilidades de leitura para a comunidade surda, o estudo dos surdos, começa pelos sentidos deste, de onde este extrai a melhor condição em função de seu benefício e sua posição perante o esboçado em sala de aula.

Em nossa contemporaneidade, a relativização entre: letras, linguística, e filosofia, em práticas científicas, apresentam outras nuances. Ideologias políticas, sociais e culturais. “Não se trata de diminuir o valor da ciência, responsável por inúmeros avanços tecnológicos, mas de relativizar a sua pretensa supremacia (FEITOSA, 2004, p.75) ”.

Inserir o surdo em políticas visuais na escola deve partir de educadores de antemão pois eles podem com maior profundidade expressar relatos fiéis de como a visualidade interfere no mundo do surdo e de como ele se coloca diante desta linguagem, e como se utiliza dela para significar no mundo com as condições de uma pessoa dada normal.

A correlação aqui estabelecida é com a linguagem visual, que se ampara na linguística e na filosofia para explicação de sua natureza enquanto linguagem plurisígnica, linguagem que o surdo se vale e a maioria das pessoas no mundo sem a deficiência da surdez, portanto, estabelece-se o ponto fulcral do trabalho em situar a visualidade como componente da significação antecipando a consulta a outros materiais senão o visual.

Como Fernando Pessoa já disse, e outros também se valem de suas frases dissecantes, aqui é encontrado em um espaço profícuo para sua reflexão. “Quem não vê bem uma palavra, não pode ver bem uma alma”, frase de Fernando Pessoa, isto ilustra que a imagem segue na esteira de literatos, intelectuais, e toda comunidade geral que disponha da língua e das linguagens para se chegar a ela.

CONCLUSÃO

No fim das contas, percebeu-se a ausência e a escassez de referencial teórico metodológico, além de referências bibliográficas sobre temas que tratam do ensino

Visual, por ser um tema pouco explorado e pouco fomentado, além de novo no campo da pesquisa e de campos correlatos. A proposta de uma Pedagogia visual arraiga, contudo à Língua de Sinais como um dos elementos recursivos dentro do campo das comunicações e da educação prioritariamente.

Entretanto explorar as várias voltas, com exame acurado da linguagem e pouco estudadas, da imagem em si, como signo, significado uma semiótica das visualidades que investigue a relação de sua aplicação própria na educação e forneça subsídios educacionais de leitura de linguagem.

No cotidiano, e na prática educacional cotidiana, procura-se oferecer insumos para aperfeiçoar e ampliar o leque do ver enquanto requisito do entender aos sujeitos e seres surdos e sua capacidade de capturar, apreender, obter compreensão sobre as deduções e similares do mundo dos surdos. De aprender que o pensamento imagético dos surdos, toca a um campo que ele se guia demasiadamente por ordem mais que um cidadão sem deficiência biológica.

Só a semiótica do ambiente e da causa que o estudo se apoia, dará conta de desconstruir a análise sobre imagens ao ponto de dissecá-las, para que sejam de utilidade e proporcionem entendimento de sua leitura, experimentar uma base semiótica da visualidade em libras seria primordial para o exame do entendimento das disciplinas e a composição do currículo, sempre imerso em uma premissa, a da igualdade, e a visualidade e o cerne desta pretensa ascensão ao surdo.

A sala de aula é espaço inteligível para novas configurações didáticas voltadas a educação inclusiva. Dado a este feito, a pesquisa decanta de uma monografia já concluída que versa sobre uma temática de desdobramento em relação a esta. Novas formas de ver e buscar entendimento pelo recurso que lhe carece, não surtiria efeito através de técnicas comuns, e sim com aparatos didáticos voltados aos deficientes visuais para potencializar seu aprendizado pela imagem com mais rigor.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

FELIPE, Tanya A. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante** / Tanya A. Felipe. 8ª. edição- Rio de Janeiro : WalPrint Gráfica e Editora, 2007.

FEITOSA, Charles. **Explicando a filosofia com arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto: leitura e redação**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2007.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

PENN, Gemma. **Análise semiótica de imagens paradas**. In: Bauer, Martin W. e Gaskell, George. Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem, e Som – um Manual Prático. Petrópolis, Vozes, 2011.

QUADROS, Ronice, Müller de. **Estudos Surdos II** / Ronice Müller de Quadros e Gladis Perlin (organizadoras). – Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2007. 100-131

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem do pensamento**: sonora, visual, verbal. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.